

A GAIOLA DE OURO: REFLEXÕES JUNGUIANAS SOBRE O APRISIONAMENTO NA ANOREXIA NERVOSA¹

Vivian de Freitas Bandeira² 

UNIFESP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Resumo: O presente artigo, fundamentado na psicologia analítica, discute o tema do aprisionamento nos transtornos alimentares, especialmente na anorexia nervosa, a partir da imagem da gaiola de ouro proposta por Hilde Bruch. Esse símbolo é explorado em suas diferentes dimensões: como prisão que, ao mesmo tempo em que confina, também protege e como expressão do caráter egossintônico da anorexia, no qual a recusa e o perfeccionismo são valorizados. Aborda-se ainda a lógica da recusa, que ultrapassa o alimento e se estende ao desejo, ao afeto e ao outro; bem como a esterilidade da perfeição, ilustrada pelo mito de Midas. Por fim, discute-se a fragilidade presente na anorexia nervosa, evocada pelas imagens do pássaro na gaiola e da redoma de vidro, que condensam a vulnerabilidade e o isolamento característicos dessa vivência.

Palavras-chave: anorexia nervosa, transtornos alimentares, gaiola de ouro, aprisionamento, psicologia analítica

THE GOLDEN CAGE: JUNGIAN REFLECTIONS ON IMPRISONMENT IN ANOREXIA NERVOSA

Abstract: The present article, based on analytical psychology, discusses the theme of imprisonment in eating disorders, especially anorexia nervosa, drawing on the image of the golden cage proposed by Hilde Bruch. This symbol is explored in its different dimensions: as a prison that, while confining, also protects; and as an expression of the egosyntonic character of anorexia, in which refusal and perfectionism are valued. The article also examines the logic of refusal, which goes beyond food and extends to desire, affect, and the Other, as well as the sterility of perfection, illustrated by the myth of Midas. Finally, it discusses the fragility present in anorexia nervosa, evoked through the images of the bird in the cage and the bell jar, which encapsulate the vulnerability and isolation characteristic of this experience.

Keywords: anorexia nervosa, eating disorders, golden cage, imprisonment, analytical psychology

1 A avaliação e a revisão dos artigos que compõem o presente dossiê da Revista PsicoFAE, intitulado “*Corpo, sintoma e sentido: transtornos alimentares, obesidade e psicossomática à luz da Psicologia Analítica — 10 anos do Projeto Latos*”, são de exclusiva responsabilidade do comitê de pareceristas a ele associado, sob a coordenação da Dr^a Maria do Desterro de Figueiredo.

2 Psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Possui capacitação em transtornos alimentares pelo PROATA/UNIFESP. É aluna do Further Education Program in Analytical Psychology, Instituto C.G. Jung, Zurique e supervisora no Ambulatório de Psicologia Analítica da UNIFESP. Atua em consultório particular e coordena grupo de estudos em transtornos alimentares. *E-mail:* contato@vivianbandeira.com

“Meu corpo é uma jaula. Meu corpo é uma jaula feita por mim mesma. Eu ainda estou tentando descobrir um jeito de sair dela.”

— Roxane Gay (2017)

Introdução

O tema do aprisionamento é recorrente na clínica dos transtornos alimentares, especialmente na anorexia nervosa. Trata-se de uma vivência marcada pela recusa, rigidez, perfeccionismo e controle, que restringem a espontaneidade e a criatividade, limitando a vida psíquica e relacional do sujeito.

Nesse contexto, a imagem da gaiola emerge como um símbolo da experiência deste encarceramento. Hilde Bruch (2001), em *The Golden Cage*, utilizou-a para descrever a prisão autoimposta pelas pacientes com anorexia nervosa, sustentada por rígidos padrões de perfeição e desempenho.

Inspirada por essa leitura, percebi que o motivo da gaiola, da cela ou da jaula também se repete em outros textos que abordam os transtornos alimentares. Em *Women’s Aggressive Fantasies*, Sue Austin (2005) recorre à imagem da cela para descrever a relação transferencial com esses pacientes, ressaltando a dificuldade do analista em acessar um espaço interno rigidamente protegido. Marion Woodman (1995), por sua vez, apresenta já nas primeiras páginas de *A Coruja era Filha do Padeiro* a figura de uma mulher em uma cela, reiterando o aprisionamento como expressão simbólica desse sofrimento psíquico. Esse mesmo tema ressoa ainda no conto de fadas *João e Maria*, em que os irmãos, ao adentrarem a casa de doces, acabam aprisionados pela bruxa.

A partir dessa percepção, foi desenvolvida a oficina vivencial *Todas as gaiolas são imaginárias?*, no Workshop *Psique Criativa*, que serviu de base para este artigo. Nela, por meio da expressão artística, os participantes foram convidados a refletir sobre a experiência do aprisionamento simbólico no corpo e na psique. O desenho da própria gaiola funcionou como recurso expressivo inicial para pensar a temática clínica.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é investigar como a obsessão pelo corpo e pela comida, características centrais da anorexia nervosa,

pode ser compreendida como uma prisão de ouro — brilhante, desejada e idealizada —, mas que, sob o verniz da perfeição, encobre fragilidade, insegurança e a busca incessante por aprovação. Para tanto, serão discutidos os seguintes aspectos: a gaiola de ouro como símbolo da anorexia nervosa; o caráter egossintônico e a lógica da recusa; a busca estéril da perfeição, ilustrada pelo mito de Midas; e a delicadeza necessária no manejo clínico com esses pacientes, a partir da imagem do pássaro e da redoma de vidro.

A gaiola de ouro como símbolo da anorexia nervosa

No campo dos transtornos alimentares, Hilde Bruch (2001) propôs a imagem da gaiola de ouro para descrever a experiência de viver em um ambiente aparentemente perfeito, mas sufocante. A figura evoca de imediato o tema do aprisionamento e da ausência de liberdade. Na anorexia nervosa, essa prisão se traduz em listas de alimentos proibidos, pesagens constantes, rituais de checagem diante do espelho e hipervigilância corporal e alimentar. A vida passa a ser reduzida a cálculos calóricos, medidas e números na balança — estratégias rígidas que visam oferecer uma sensação de segurança diante do pavor de ganhar peso.

Nesse sentido, a limitação imposta pela gaiola pode oferecer também uma sensação de proteção: ela defende contra o medo de se alimentar, que em última instância pode ser compreendido como o medo da própria vida. Assim, configura-se como uma defesa diante de um mundo percebido como ameaçador. Para aquele que já não sabe lidar com o inesperado e com as imprevisibilidades da existência — sempre além do nosso controle —, a gaiola fornece uma ilusão de segurança. Digo ilusão porque o perigo parece estar sempre à espreita, pronto para atacar. O paradoxo, portanto, é evidente: a mesma estrutura que aprisiona é também a que protege.

Podemos ainda considerar outra dimensão: quem está dentro da gaiola encontra-se exposto ao olhar do outro, em permanente exibição, tendo de performar sob a vigilância de um olhar crítico, avaliativo e julgador. Uma paciente de Hilde Bruch (2001, p. 149) sintetiza essa experiência com precisão:

Uma vez que você estabelece um padrão para si mesmo, quer viver de acordo com o

que acha que todos esperam de você. É esse padrão artificial que se torna a gaiola, algo para impressionar as pessoas. Eu diria agora que criei uma gaiola dourada cravejada de joias, que elas estavam brilhando porque eu queria causar uma impressão (Hilde Bruch, 2001, p. 149).

A busca por aprovação — seja nos números da balança, nas notas escolares ou no desempenho profissional — torna-se uma tentativa de conquistar amor e pertencimento. Esses sujeitos vivem antecipando os desejos do outro, moldando-se à imagem que acreditam que os demais têm deles. Contudo, quanto mais o sujeito se esforça para corresponder a esse padrão artificial, mais faminto de si mesmo se torna.

Por fim, a composição dessa gaiola é particularmente significativa: trata-se de ouro. Signo de iluminação e associado à perfeição absoluta, o ouro carrega uma dimensão solar, celeste e divina. Tradicionalmente considerado o metal mais precioso, é valorizado e objeto de aspiração (Chevalier & Gheerbrant, 1988). A prisão, portanto, não se apresenta como algo indigno, mas como algo revestido de glória — uma armadilha que fascina enquanto confina.

Essa tensão entre o brilho sedutor e a dor do confinamento pode ser observada na pintura *Menina enjaulada* (ver Figura 1), em que o dourado da gaiola e as flores ornamentais evocam beleza, mas contrastam com a postura da figura em seu interior: uma jovem encolhida, braços envolvendo as pernas, transmitindo tristeza, solidão e vulnerabilidade.

Figura 1:

Menina enjaulada



Fonte: Gowrimibin (2025)

O fundo escuro acentua o contraste entre o brilho da gaiola e a experiência de clausura, reiterando que aquilo que reluz como conquista e valor, em seu interior, revela dor, fragilidade e o vazio do aprisionamento. Como afirma a própria artista, mesmo em uma gaiola dourada, a garota não pode ser feliz.

O aspecto egossintônico da anorexia nervosa

“Uma gaiola saiu à procura de um pássaro.”

— Kafka (2012)

Tendo em vista que essa gaiola é feita de ouro, esse cárcere passa a ser percebido como algo de extremo valor e até motivo de orgulho. Essa noção ajuda a compreender um aspecto central da anorexia nervosa: seu caráter egossintônico. Os sintomas não são vividos como indesejáveis ou estranhos, mas como conquistas — sinais de força, autocontrole e disciplina.

O paciente identifica-se profundamente com a doença, de modo que os comportamentos restritivos em relação à alimentação não são reconhecidos como prejudiciais. Assim, os chamados “valores da anorexia” estão sintonizados com os valores do ego, e a perda de peso passa a ser vivida como algo desejável. Recordo-me, nesse sentido, de uma paciente que certa vez afirmou nunca ter visto grupos “pró-ansiedade” ou “pró-depressão”, mas já ter encontrado grupos “pró-anorexia”.

Essa identificação com a própria prisão torna o tratamento particularmente desafiador. Não é incomum que os pacientes resistam à psicoterapia ou ao acompanhamento médico, interpretando-os como tentativas de “engordá-los”. Com frequência, chegam ao consultório não por iniciativa própria, mas pela pressão de familiares, instituições escolares ou serviços de saúde.

A lógica da recusa alimentar

Na anorexia nervosa, a recusa alimentar é vivida de modo radical: ela não se restringe ao alimento, mas abrange também a recusa do afeto, do desejo e do outro. Trata-se de uma negativa da alteridade, uma tentativa de instaurar uma autossuficiência absoluta, como se nada externo pudesse adentrar o corpo ou

o espaço psíquico. Essa lógica manifesta-se de forma contundente em um dos poemas do livro *Incabível*, de Rosolen (2019, p. 45):

Corte o açúcar
Corte a fritura
Corte os lanches
Corte as relações
Corte-se.

Uma vez que o ato de comer, como aponta Barcellos (2017), não é apenas nutricional, mas também simbólico e emocional, o corte dos alimentos equivale ao corte de vínculos, de afetos e, em última instância, de si próprio, como tão bem elucidado no poema citado. É como se fosse necessário amputar ou eliminar partes de si, físicas e psíquicas, para caber no modelo idealizado e sustentar esse modo de funcionamento.

Quando o sujeito já não consegue lidar com os aspectos de sua vida, fragmenta-se, corta-se e deposita no corpo e na alimentação o imperativo de controle, convencendo-se da ideia de que “já que não consigo controlar o resto, vou controlar a comida e meu corpo, e tudo ficará bem”. Permanecer dentro da gaiola, isto é, submeter-se aos ditames do transtorno alimentar, forja a ilusão de domínio sobre si e sobre a existência (Morgan, Moreira, & Oliveira, 2013).

Esse aparente domínio, contudo, traduz-se em paradoxo: a sensação de onipotência, autossuficiência e indestrutibilidade do corpo, vivida no nível da consciência, encobre, na verdade, uma experiência inconsciente de profunda ineficiência, desamparo e abandono, acompanhada pela sensação de incompetência para cuidar da própria vida (Morgan, Moreira, & Oliveira, 2013).

Por essa razão, a força e a competência sentidas na restrição alimentar — afinal, nessa lógica, comer é sinal de fraqueza — funcionam como tentativas de compensar e encobrir fragilidades que revelam uma vulnerabilidade ainda mais profunda. Trata-se, assim, de indivíduos que conhecem pouco de seus próprios desejos e de suas experiências internas, de modo que a psique permanece sempre faminta (Morgan, Moreira, & Oliveira, 2013). Essa impossibilidade de existência do desejo encontra expressão em outro texto de Rosolen (2019, p. 27):

Chapada: era para não ter curvas
nada de peitos ou bunda
desejos?
tampouco.

No poema, vemos que o corpo, assim como o desejo, vai mingando. Isso ocorre porque muitas vezes o sujeito não sabe o que quer, nem como expressar o que sente. Há medo de ter desejos próprios e, sobretudo, de manifestar qualquer expressão que possa desapontar o outro. Assim, evita-se a tarefa de tomar decisões baseadas em valores e vontades pessoais, perpetuando a dependência da aprovação externa. Nem mesmo o próprio desconforto é possível comunicar.

Segundo Hilde Bruch (2001), a expressão “sentir-se gorda” passou a funcionar como uma forma de manifestar insegurança, medo, ansiedade ou sensação de desvalor. Nesse sentido, o corpo fala por meio de medidas, volumes, pesos e gorduras. O sofrimento psíquico e a insatisfação consigo mesmo acabam sendo traduzidos em um conflito com o corpo. Torna-se, portanto, fundamental investigar o que subjaz a essa fala: quais emoções estão sendo vividas no corpo e necessitam ser colocadas em palavras?

A mesma dificuldade em acessar e nomear necessidades, sejam elas físicas ou emocionais, é retratada em *O artista da fome*, de Franz Kafka (2009). O conto narra a vida de um homem que faz do jejum um espetáculo público, permanecendo enclausurado em uma jaula e admirado pelo público por sua capacidade de suportar longos períodos sem se alimentar.

Com o tempo, no entanto, o interesse coletivo diminui e ele acaba esquecido, até morrer sozinho em sua cela. Antes de morrer, confessa que a sua magreza extrema “era causada apenas pela insatisfação consigo próprio” (Kafka, 2009, p. 34). Em suas últimas palavras, acrescenta: “Porque eu nunca encontrei a comida que me agradasse. Se eu tivesse encontrado, acredite, eu não teria feito nenhum alarde e teria comido até me empanturrar, como você e todo mundo” (Kafka, 2009, p. 46).

Nesse conto, o tema da jaula reaparece como expressão do autoaprisionamento, associado

à espetacularização da recusa alimentar e à magreza vivida como consequência de uma insatisfação consigo mesmo. O artista da fome não sabe nomear o alimento que deseja ou necessita e, justamente por não reconhecer o objeto de sua fome, rejeita a possibilidade de se nutrir. O desafio clínico, nesse contexto, consiste em fortalecer a autonomia e favorecer o reconhecimento das necessidades básicas — físicas e emocionais — bem como abrir espaço para que a angústia encontre vias de expressão que não se limitem à sua inscrição no corpo.

O estado estéril da perfeição

Na anorexia, o corpo e o indivíduo precisam sustentar uma fachada de desempenho impecável, na qual cada gesto deve ser rigidamente controlado. Entretanto, essa exigência constante de poder e perfeição sufoca e converte qualquer impulso espontâneo ou criativo em algo estático.

Jung (2012, §620) afirma que “o perfeccionismo termina sempre em um beco sem saída”. Para ele, a perfeição representa um estado final desesperadamente estéril, pois como já advertiam os antigos mestres: “nada se pode fazer com o que já é perfeito”. O imperfeito e inacabado, ao contrário, carrega em si as sementes de um desenvolvimento futuro. Assim, a completude e a integralidade são sempre imperfeitas, enquanto a perfeição permanece sempre incompleta.

A perfeição acaba por excluir tudo o que é sombrio, perturbador e imperfeito; já a inteireza inclui o que é obscuro, limitado e insuficiente. A completude, portanto, implica acolher as próprias limitações, impotências e insuficiências inerentes a nossa humanidade.

Marion Woodman (2002) aponta que a perfeição está fadada ao fracasso, pois pertence aos deuses e não é da ordem do humano. A busca pela perfeição e pela superação da própria humanidade nasce, muitas vezes, da fantasia de não ser digno de aceitação ou de amor pelo que se é. Nesse contexto, instala-se uma necessidade incessante de comprovar o direito à existência por meio do desempenho, da aparência e do controle. Como observa Roxane Gay (2017, p. 123), em *Fome*, “quanto menos espaço

ocuparem, mais importância elas têm”, revelando a lógica paradoxal pela qual o apagamento de si mesmo é vivido como forma de validação e valor.

Contudo, nenhum desempenho é suficiente para satisfazer a busca desesperada por aprovação, de modo que o sujeito permanece sempre faminto e sedento. O resultado é um ciclo de vazio e frustração — “*não está bom o suficiente, preciso de mais*” —, sustentado por expectativas irreais, em que qualquer qualidade humana que não se enquadre nesse molde passa a ser vivida como indesejável ou mesmo suja.

O toque de Midas

A perfeição absoluta, assim como o toque dourado de Midas, elimina a humanidade e a vitalidade daquilo que toca, transformando o que é animado e vivo em algo estático e morto. Segundo o mito, Midas foi agraciado com a capacidade de transformar em ouro tudo o que tocasse. Extasiado com seu novo poder, converteu em ouro ramos, pedras e até mesmo a mobília do palácio.

O que a princípio parecia uma bênção incomparável logo se revelou uma maldição devastadora: ao tentar alimentar-se, descobriu que o pão e o vinho também se transformavam em ouro em suas mãos, impossibilitando-o de comer. A verdadeira tragédia ocorreu quando sua filha, ao correr para abraçá-lo, foi convertida em uma estátua dourada.

A busca pela perfeição, representada pelo ouro de Midas, é frequentemente vista como um ideal a ser almejado. Contudo, ao contrário do que se imagina, pode revelar-se uma maldição. Midas podia transformar tudo em ouro — em algo valioso e precioso — mas não conseguia usufruir do alimento que nutre e do abraço caloroso da filha. A perfeição, assim, revela-se solitária, fria e insaciável.

A fragilidade do pássaro

O corpo do indivíduo com anorexia nervosa, tal como um passarinho preso na gaiola, transpõe vulnerabilidade. Essa condição de fragilidade evocada pela magreza aparece no relato de uma mãe, citado por Hilde Bruch (2001, p.2), sobre a experiência de abraçar sua filha com anorexia: “Quando coloco

meus braços em volta dela, não sinto nada além de ossos, como um pequeno pássaro assustado”.

Para além da sensação de frieza e distanciamento emocional que muitas vezes acompanha esse abraço, podemos pensar que se trata de um contato pontiagudo e desconfortável, que desperta o medo de que o outro, ao ser tocado, possa se partir como vidro. Nesse ponto, a figura da gaiola — símbolo do aprisionamento — e a imagem do pássaro frágil encontram ressonância na redoma de vidro descrita por Ellen West, paciente de Binswanger, considerada um dos primeiros casos de anorexia registrados na literatura: Estou completamente isolada, estou sentada como numa esfera de vidro. Vejo os outros através de uma parede de vidro, suas vozes penetram em mim. Anseio por um real contato com eles. Tento, mas eles não me ouvem (Binswanger, 1957, p. 30).

A natureza do vidro é isolante, insular e frágil. Sendo translúcido, tudo é visto, mas nada é verdadeiramente tocado. Ele “transmite delicadeza, pureza e até beleza ornamental, mas carrega também a fragilidade de uma matéria que pode se estilhaçar em fragmentos cortantes” (Martin, 2012, p. 588).

A redoma de vidro funciona, assim, como uma estrutura que separa e impede a troca afetiva real: não há calor humano nem contato genuíno, apenas uma desconexão cortante com o mundo. Curiosamente, Austin (2005) relata que uma de suas pacientes com bulimia nervosa descreveu-se em um quarto de vidro, sempre sob o risco de trincar, evidenciando a extrema fragilidade dessa estrutura.

A fragilidade do corpo físico desperta no analista o desejo de cuidar. No entanto, esse cuidado é ao mesmo tempo convocado e recusado. Como lembra Iraci Galiás (1997), a pessoa com anorexia não aceita ser nutrida — nem por si mesma, nem pelo outro.

Por isso, Austin (2005, p. 182) descreve o trabalho clínico com esses pacientes como sentar-se ao lado de alguém que está dentro de uma cela ou gaiola:

Ela está encolhida, miserável, exausta, provavelmente com frio e constipada, sentindo-se fisicamente bastante mal, mas tentando com

esforço fingir que não está. A chave da cela está ao seu alcance, caída no chão logo à frente. Eu também estou fora da cela, sentado em silêncio, fazendo-lhe companhia. Forçar a chave em sua mão é inútil — se eu o fizer, ela a jogará fora, e o fato crucial aqui é que ela pode pegá-la sozinha, se quiser. Estou ali para conversar com ela sobre como é sua cela, por que ela entrou ali e do que tem medo se sair. Também estou ali, atento a qualquer partezinha dela que indique que, ao contrário do regime interno dominante, pode não estar totalmente comprometida com a anorexia como modo de ser.

No atendimento desses casos, o analista pode sentir-se frustrado ou paralisado, pois abrir a cela à força pode provocar retraimento ou resistência ainda maior. O manejo clínico exige extrema sensibilidade, tal como alimentar um pequeno pássaro: qualquer gesto brusco ou excesso de “alimento afetivo” pode assustá-lo e fazê-lo recuar.

Abrir a gaiola dourada é tão difícil porque implica aceitar a própria fragilidade, reconhecer a vulnerabilidade e assumir a necessidade de um outro — aspectos que se contrapõem radicalmente aos ideais de força, controle, indestrutibilidade e autossuficiência que marcam a anorexia nervosa (Morgan, Moreira, & Oliveira, 2013).

Austin (2005) propõe sustentar a posição de permanecer fora da gaiola e conversar sobre ela: como é, por que foi construída, como a paciente chegou até ali, como se sente dentro dela e quais são seus temores diante da possibilidade de deixá-la. Com isso, torna-se possível compreender não apenas o porquê — o aspecto causal da doença —, mas também o seu para quê, ou seja, o sentido desse funcionamento. Trata-se de reconhecer sua dimensão prospectiva: aquilo que sustenta a necessidade de manutenção do sintoma e, ao mesmo tempo, aponta para direções possíveis de desenvolvimento futuro (Morgan, Moreira, & Oliveira, 2013).

Considerações finais

Ao longo deste artigo, exploramos a imagem da gaiola de ouro como símbolo da experiência da anorexia nervosa. Observamos que a gaiola simultaneamente protege e aprisiona: se, por um

lado, oferece a sensação de controle sobre o corpo e a vida, por outro, torna árida a paisagem psíquica, reduzida à obsessão com a comida, a magreza e a vigilância constante do corpo.

Trata-se de uma doença egossintônica, na qual a recusa e o perfeccionismo são valorizados e vividos como conquistas — daí a associação com o brilho característico do ouro. O que reluz, no entanto, encobre uma dinâmica que se revela paradoxal: aquilo que é vivido como sinal de força e disciplina é também o que aprisiona e fragiliza.

A lógica da recusa alimentar, nesse sentido, vai muito além da comida. O que se recusa não é apenas o alimento, mas também o afeto, o desejo e o outro. Trata-se de uma tentativa de instaurar uma autossuficiência absoluta, em que nada externo possa penetrar no corpo ou na psique. Comer, nesse contexto, é vivido como fraqueza; recusar é afirmar força e controle. Contudo, por trás dessa fachada de onipotência, encontramos uma experiência profunda de desamparo e medo. A recusa, portanto, fornece uma sensação de segurança, mas ao mesmo tempo isola, mantendo o sujeito confinado em sua própria gaiola dourada ou, em outras imagens, em uma redoma de vidro.

O mito do toque de Midas nos ajudou a evidenciar a esterilidade da perfeição, que exclui aquilo que é falho e, justamente por isso, é sempre incompleta. Seguindo essa ideia, o que é convertido em ouro perde humanidade e vitalidade, transformando-se em algo estático e morto. Na anorexia, o corpo, convertido em “objeto perfeito”, deixa de ser morada para tornar-se carcereiro; a espontaneidade vira risco, e o desejo, ameaça.

Por fim, a figura do pássaro frágil e da redoma de vidro condensa a ambivalência do encontro: o cuidado que é suscitado e, ao mesmo tempo, recusado. Nesse campo transferencial, forçar a abertura da cela ou impor alimento “goela abaixo” apenas reforça as defesas da paciente. Austin (2005) propõe sustentar a posição de permanecer fora da gaiola, buscando compreender a função que essa estrutura exerce na dinâmica psíquica da paciente, a fim de auxiliar que ela mesma desenvolva autonomia e possa, pouco a pouco, ensaiar os primeiros passos para fora da gaiola.

Referência

- Austin, S. (2005). *Eating disorders and the telos of aggression*. In S. Austin, *Women's aggressive fantasies: A post-Jungian exploration of self-hatred, love and agency* (pp. 174–205). Routledge.
- Barcellos, G. (2017). *O banquete de Psique: Imaginação, cultura e psicologia da alimentação*. Vozes.
- Binswanger, L. (1957). *Schizophrenie* (pp. 57–188). Neske. (Tradução de Maria Lúcia Cacciola: *O caso Ellen West*). Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fundamental, 2019. https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2019/10/o_caso_ellen_west.pdf
- Bruch, H. (2001). *The golden cage: The enigma of anorexia nervosa*. Harvard University Press.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (1988). *Dicionário de símbolos* (30ª ed.). José Olympio.
- Galiás, I. (1997). Anorexia nervosa. *Junguiana*, 15, 70–80.
- Gay, R. (2017). *Fome: Uma autobiografia do (meu) corpo*. Globo Livros.
- Gowrimibin. (2025, setembro 25). *Menina enjaulada* [Ilustração]. Pinterest. <https://in.pinterest.com/pin/957507570787169343/>
- Jung, C. G. (2012). *Resposta a Jó* (Vol. 11/4, 10ª ed.). Vozes.
- Kafka, F. (2009). *Um artista da fome* (1ª ed.). L&PM.
- Kafka, F. (2012). *Aforismos reunidos* (M. Carone, Trad.). Instituto Moreira Salles. (Série Clássicos Serrote – Não-ficção). <http://www.revistaserrote.com.br>
- Martin, K. (2012). *O livro dos símbolos: Reflexões sobre imagens arquetípicas*. Taschen.
- Morgan, C. M., Moreira, F. G., & Oliveira, L. de. (2013). O sentido na anorexia nervosa. *Junguiana*, 31(1), 13–20.
- Rosolen, D. (2019). *Incabível*. Patuá.
- Woodman, M. (1995). *A coruja era filha do padeiro: Obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido* (10ª ed.). Cultrix.

Woodman, M. (2002). *O vício da perfeição: Compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico*. Summus.